



**LETÍCIA CARLA DE ANDRADE
LUCIANA PEREIRA BRAGA AMARAL**

**Do *Retrato* desconhecido de Cecília Meireles para novas molduras
no cenário do envelhecimento: uma proposta de análise
psicanalítica.**

**Lavras – MG
2021**

LETÍCIA CARLA DE ANDRADE
LUCIANA PEREIRA BRAGA AMARAL

**Do *Retrato* desconhecido de Cecília Meireles para novas molduras
no cenário do envelhecimento: uma proposta de análise
psicanalítica.**

Artigo apresentado ao curso de Letras/Português da
Universidade Federal de Lavras, como requisito
parcial, para a obtenção do título de licenciatura
em Letras.

Orientador: José Roberto da Silveira

Lavras – MG
2021

Resumo

O processo de envelhecer ainda constitui uma ruptura na sociedade do século XXI. Apesar de já ser descrito desde a década de 1930, pela escritora Cecília Meireles como algo inusitado e estranho, ainda hoje esse mesmo pensamento instituiu-se no campo social. Esse trabalho teve como objetivo analisar criticamente o poema “*Retrato*”, escrito por Cecília Meireles em 1939, fundamentado na teoria psicanalítica. Com a finalidade de construção de sentido, optou-se, em termos de procedimentos metodológicos, por uma busca primária pelo poema apresentado por Cecília Meireles e por referenciais teóricos que trouxessem embasamentos e pensamentos de diferentes pesquisadores sobre a temática do envelhecer. A análise do poema “*Retrato*”, com a articulação de diferentes contribuições do campo da psicanálise juntamente com as pesquisas bibliográficas, descreveu que o poema representava não apenas uma época vivenciada pela autora, mas também se refere a muitas angústias vivenciadas ainda na nossa atualidade. Porém, apesar das dificuldades com relação ao momento de envelhecer, há de se pensar em novas e possíveis conjunturas, uma vez que o processo de envelhecimento deve ser repensado e reconhecido por toda uma vida, não ficando somente para o momento ocasional vivenciado pelos sujeitos. A literatura contribui de forma importante para entender que o pensamento de épocas passadas, ainda se aplica a conflitos presentes nos dias atuais.

Palavras – chave: Envelhecimento; Psicanálise; Cecília Meireles; Velhice.

ABSTRACT

The aging process still constitutes a rupture in 21st century society. Despite being described since the 1930s, by the writer Cecília Meireles as something unusual and strange, even today that same thought was instituted in the social field. This work aimed to critically analyze the poem “*Retrato*”, written by Cecília Meireles in 1939, based on psychoanalytic theory. In order to construct meaning, we opted, in terms of methodological procedures, for a primary search for the poem presented by Cecília Meireles and for theoretical references that brought embarrassment and thoughts of different researchers on the theme of aging. The analysis of the poem “*Retrato*”, with the articulation of different contributions from the field of psychoanalysis together with bibliographic research, described that the poem represented not only a time experienced by the author, but also refers to many anguish experienced today. However, despite the difficulties in relation to the moment of aging, new and possible conjunctures must be considered, since the aging process must be rethought and recognized for a lifetime, not just for the occasional moment experienced by the subjects. The literature contributes as an important way to understand that the thinking of past times still applies to conflicts present today.

Keywords: Aging; Psychoanalysis; Cecília Meireles; Old age.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	A OBRA DE CECÍLIA MEIRELES NO OLHAR DA PSICANÁLISE.....	12
	2.1 Análise do poema <i>Retrato</i>	17
	2.2 A Psicanálise e os sujeitos frente às questões do envelhecimento	19
	2.3 Um novo retrato para o poema <i>Retrato</i>	23
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
4	REFERÊNCIAS	33

1. INTRODUÇÃO

Um poema escrito na década de 1930, por uma das escritoras mais inspiradoras, Cecília Benevides de Carvalho Meireles, considerada como um dos nomes mais renomados no cenário do modernismo brasileiro. A autora é fonte de inspiração para a concretização desse trabalho, para além das inúmeras obras realizadas para crianças e adultos, foi na sua obra *Retrato* publicada no livro “Viagem” que pretendemos abordar o tema universal da transitoriedade da vida, o envelhecimento. Na presente discussão, tomamos como fonte primária as escrituras da autora no poema e abordaremos questões relacionadas ao processo de envelhecer embasados na teoria da psicanálise.

Conforme é apresentado por Lima; Silva; Galhardoni (2008) a temática do envelhecimento é estudada desde décadas passadas, a partir de 1950 e 1960, por países europeus e americanos. Assim, apesar do envelhecimento ser fonte de pesquisas e discussões no decorrer de anos, a busca do nosso estudo é entender as nuances e dificuldades que estavam presentes na escrita do poema *Retrato*, por Cecília Meireles contemplando uma visão psicanalítica na possibilidade de identificar um novo olhar com novos significados para o processo de envelhecimento através das escrituras da autora.

A escolha pela teoria da psicanálise está na tentativa de entender os conflitos vivenciados pela autora, apesar de Freud um dos maiores nomes do mundo da psique ter considerado que a idade do paciente era extremamente importante para o processo de elaboração do pensamento no consultório e que a análise não poderia ocorrer em pessoas acima dos cinquenta anos, devida a pouca elasticidade mental dos pacientes, ele mesmo acabou lançando certo preconceito em relação aos tratamentos para pacientes idosos (ALTMAN, 2011). No entanto, ao longo dos anos ocorreram inúmeras mudanças no pensamento psicanalítico, com isso a teoria passa a ser fonte de nossos estudos que tem como objetivo contemplar a singularidade dos sujeitos no processo de envelhecer.

À época que os precursores da psicanálise elaboraram seus primeiros conceitos, era bem reduzido o número de pessoas que chegavam à velhice, e devemos lembrar que, naquela época, uma pessoa de cinquenta anos era considerada velha, porque as doenças então existentes, bem como as guerras, matavam muito mais cedo, enquanto hoje em dia uma pessoa de cinquenta anos quando está na “meia-idade”. Os parâmetros sociais sobre idade mudaram, tanto quanto a psicanálise (ALTMAN, 2011, p. 195).

Apesar da velhice vim de uma construção histórica marcada por uma distinção entre os sujeitos, ao longo dos anos houve uma desconstrução de pensamento teórico e aos poucos

social. A teoria psicanalítica por mais que inicialmente embasava que a análise deveria ser realizada por pessoas antes do processo de envelhecer descreve nos registros de Freud que foi durante o seu processo de envelhecimento que o médico psicanalista mais avançou nos seus estudos e nas suas pesquisas.

Por esse motivo o propósito desse trabalho é unir uma literatura que remete as aflições e agonias de um momento vivenciado por uma autora que descreveu nas peculiaridades da sua escrita os seus anseios e o seu não pertencimento a sua atual versão. Agonia e dificuldade vivenciada na década de 30 e que infelizmente ainda remete as dificuldades perpassadas por diversas pessoas ao longo dos anos. Unir a literatura com a temática do envelhecimento no campo da psicologia envolvendo a teoria da psicanálise é perceber o quanto a literatura remete as vivências de pessoas distintas, em tempos distintos, porém com dificuldades semelhantes.

O poema descreve os sentimentos de Cecília Meireles, porém nos estudos que recorreremos presenciaremos a mesma estranheza que a autora traduziu na sua escrita. A definição de Goldfarb (2004, p. 209) representa as inquietações da autora.

[...] defino o lugar dos velhos como um não lugar, pois apesar de incluídos no panorama social atual, eles não são estimulados a falar como sujeitos, sendo reconhecidos apenas quando falam como velhos, como pertencentes a uma categoria definida previamente e que os define - vale dizer - de forma negativa.

Assim, a proposta é entender o envelhecimento como um processo natural e leve que contempla a todos os sujeitos que conseguem chegar até essa fase, porém diferentemente do lugar perdido e estranho descrito nas escritas de Cecília Meireles. Para isso foi necessário recorrer às leituras e pesquisadores que abordassem esse novo conceito de envelhecer e através de uma busca bibliográfica proporcionar uma nova reescrita para o poema *Retrato*. Para isso, Freitas (*et. al.*, 2010, p. 410) representam as peculiaridades desse novo olhar sobre o envelhecer e relatam que “a velhice parece mais suave quando a vida foi intensa em experiência e emocionalmente rica, talvez, a perda da juventude e da beleza torna-se menos dolorosa quando novos valores são colocados em seus lugares”.

Portanto, a direção do trabalho consiste inicialmente para uma análise do poema *Retrato* através dos conceitos exposto pela psicanálise, posteriormente realizaremos uma descrição do poema, ou seja, tentaremos descrever os sentidos atribuídos as escrituras da autora, após, realizaremos um pequeno recorte sobre o processo de envelhecer fundamentado na teoria psicanalítica e no final apresentaremos uma nova e possível versão para o conceito

de envelhecimento embasado no poema, *Retrato* de Cecília Meireles.

Para isso, acreditamos que toda forma de manifestação intelectual, seja através de um trabalho de conclusão de curso, de uma dissertação de mestrado, tese de doutorado, publicação de artigo científico ou livro acadêmico deve ser apontado como uma possibilidade para novas e possíveis pesquisas de campo que busque contemplar os sujeitos para além das suas dificuldades ou limitações. A nossa intenção é que possamos enxergar nas obras literárias possibilidades de discussões críticas e teóricas que contribui de alguma maneira para o bem de todos os sujeitos seja em qualquer fase de suas vidas, infância, adolescência, adulta ou velhice. Que a literatura seja a janela aberta para novas reflexões com possíveis intervenções no campo das diferenças e das desigualdades.

2. A OBRA DE CECÍLIA MEIRELES NO OLHAR DA PSICANÁLISE

O que será que tem de tão especial que nós fez escolher uma obra literária como forma de discussão de um tema que se apresenta na contemporaneidade cada vez mais distante das realidades vivenciadas. Uma obra literária escrita na década de 30 que ainda se parece tão familiar com os tempos atuais. Uma mulher escritora que descreveu em poucas palavras as dificuldades, o sofrimento e o não pertencimento a uma sociedade que julga pelos padrões sociais ainda pré-estabelecidos.

Retrato, esse é o nome da nossa busca, um retrato de si, do outro e do próximo que contempla a subjetividade, as marcas não apenas de um tempo, mas de aprendizagem, conhecimento e auto-amadurecimento. A partir desse momento iremos mergulhar nas escrituras de Cecília Meireles que através das suas palavras nós fez refletir sobre os conceitos e as angústias de viver o processo de envelhecimento.

Cecília Benevides de Carvalho Meireles nasceu em 7 de novembro de 1901 no Rio de Janeiro e faleceu em 9 de novembro de 1964. Além de poeta Cecília exerceu as funções de jornalista, pintora, escritora e professora brasileira.

Suas obras têm por características pertencer à Segunda Geração Modernista, com influências da poesia medieval, romântica, parnasiana e simbolista. Essas características são percebidas nos elementos presentes como no soneto, por apresentarem formas fixas e terem técnicas tradicionais de versificação. Percebe-se também em suas obras, o uso recorrente de temas filosóficos e espirituais. Suas escrituras apresentam uma linguagem elevada e diversificada, com isso a escritora tornou-se destaque, conferindo a mesma o título de uma das grandes poetas da Língua Portuguesa.

Falando do caráter intimista e a influência da Psicanálise nas obras de Cecília Meireles, percebe-se, a partir dos livros *Vaga Música* e *Mar Absoluto*, como a poeta descreve de forma abstrata a música, os sentimentos, os sonhos. Ela tem por temas recorrentes o amor, a morte, o tempo e a eternidade.

Por este trabalho se concentrar na terceira fase de produção da obra de Cecília e por estaser marcada por questões intimistas do envelhecimento humano e a passagem do tempo, concentraremos nosso estudo no poema *Retrato*, publicado no livro *Viagem*, em 1939. Ele ilustra, em cada estrofe, a transição que a autora demonstra com relação a vida:

Retrato

Eu não tinha este rosto de hoje,
Assim calmo, assim triste, assim magro,
Nem estes olhos tão vazios,
Nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,
Tão paradas e frias e mortas;
Eu não tinha este coração
Que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,
Tão simples, tão certa, tão fácil:
— Em que espelho ficou perdida
a minha face?

(MEIRELES, 1939, p. 21).

O poema melancólico de Cecília Meireles faz o retrato do sujeito poético, abordando o que se passa internamente.

O eu-lírico fala das partes do corpo para ilustrar aquilo que mudou. Há neste poema o encontro do consciente ao constatar as marcas que a passagem do tempo deixou e do inconsciente com a pergunta “- Em que espelho ficou perdida minha face?”. Este é o encontro do passado e do presente, do consciente e do inconsciente e do retrato físico com a imagem que o sujeito poético tem de si internamente.

Ao falarmos dos conceitos de consciente e inconsciente faremos à luz da Psicanálise. Para isso, Jorge (2008) apresenta um dos nomes mais representativos referente a psicanálise, e destaca Freud que nos diz que o consciente é a menor parte da mente humana, ele é tudo aquilo que estamos conscientes no momento. Já com relação ao inconsciente Freud nos fala que este representa a maior parte de nossa mente, sendo formado por todo o conteúdo mental que não está disponível ao sujeito em determinado momento. Sobre o acesso amplo às formações inconscientes, o autor também cita Lacan, que segundo o mesmo o inconsciente se dá através da experiência analítica (JORGE, 2008). Com relação ao processo que envolve o inconsciente e a consciência, Gomes (2003) destaca que

Todas as representações e processos inconscientes de que trata a psicanálise só podem ser inferidos daquilo de que o paciente tem consciência. Como Freud afirmou, “a qualidade de ser consciente... permanece sendo a única luz que ilumina nosso caminho e nos conduz através da obscuridade da vida mental” (1938/1964, p. 286) (FREUD, 1938/1964, p. 286 *apud* GOMES, 2003, p. 118).

Ainda sobre os estudos psicanalíticos com relação à consciência e o inconsciente, Gomes (2003) destaca que existem poucos estudos psicanalíticos voltados para o tema da consciência, os temas centrais nos estudos freudianos estão muitas vezes voltados para o inconsciente, assim, o autor afirma que não se pode esquecer sobre as definições envolvendo o inconsciente e que esses entendimentos só podem ser realizados a partir da relação existente com a consciência. Sendo que “o inconsciente não é jamais diretamente observável. Ele só pode ser inferido, de maneira sempre incerta. Por vezes, essa inferência pode ser feita a partir do comportamento de uma pessoa” (GOMES, 2003, p. 118). Assim, o inconsciente poderá se manifestar de maneira muito peculiar.

[...] sobretudo a partir da análise do discurso que a incidência do inconsciente pode ser discernida. Em seu discurso, o sujeito fala daquilo de que tem consciência. Mas, ao mesmo tempo, o inconsciente também se exprime através de seu discurso, na escolha de algumas palavras, na insistência de alguns significantes, nos lapsos de linguagem eventualmente cometidos, nas associações, etc. É, portanto, sobre um fundo de consciência que o inconsciente se revela, é entre as malhas conscientes que ele tece sua trama. O próprio conteúdo consciente do discurso está sempre relacionado ao inconsciente, seja por aproximações, seja por afastamentos ou evitações (GOMES, 2003, p. 118).

Para isso, um dos nomes mais importantes da psicanálise nos revela que a expressão da fala deve ser compreendida “não apenas como significando a expressão do pensamento por palavras, mas incluindo a linguagem dos gestos e todos os outros métodos, como por exemplo, a escrita, através dos quais a atividade mental pode ser expressa” (FREUD, 1974, p. 211).

Em *Retrato*, Cecília Meireles faz esse exercício de uso da palavra, do discurso do sujeito para acessar formações conscientes e inconscientes, referenciando preceitos postulados por Freud.

A fundamentação teórica deste trabalho, será respaldada em obras literárias, estudos e pesquisas bibliográficas que contemple uma visão sobre o poema da autora numa visão psicanalítica, entre os diversos estudos vamos considerar “Do Retrato ao Epitáfio em Cecília Meireles: A Identidade Feminina na Literatura e na Psicanálise” de Cladismari Zambom. O livro propõe uma leitura da obra de Cecília Meireles em torno das imagens que compõem o poema *Retrato* com uma visão psicanalítica freudiana.

A percepção do *Retrato* descrito no poema, nos apresenta uma estranheza ante a visão do rosto feminino modificado pelo tempo e a identidade tão procurada se mostra agora

perdida, remetendo a uma ausência. É neste momento que acontece a transformação do sofrimento diante da figura exposta, em pura e bela poesia que, apesar da ausência que se constitui, a identidade permanece. O livro de Cladismari Zambom nos apresenta a ideia de que qualquer proposta de interpretação será insuficiente ao se falar de poesia, porém, a abertura da arte para a investigação do ser feminino através da Psicanálise, contribui para o conhecimento da mulher enquanto ser em busca de uma identidade. Trataremos sob a ótica desse autor, os conceitos dos mecanismos de defesa referenciando-os ao poema e à Psicanálise.

Os conceitos psicanalíticos também serão amparados teoricamente pela obra: “Introdução à Teoria Psicanalítica - Freud, Psicanálise e Conceitos” de Moisés do Vale Santos. A obra trata os principais conceitos da psicanálise freudiana: a primeira e a segunda teoria do aparelho psíquico, as pulsões, os mecanismos de defesa, a teoria da sexualidade, as perversões, as neuroses, as psicoses, os atos falhos, a interpretação dos sonhos, a cultura e o sentimento de culpa.

Ao tratarmos teoricamente do objeto de estudo deste trabalho, o poema *Retrato*, faremos sob a visão do artigo “Cecília Meireles: imagens femininas” da professora titular da Universidade Federal de Sergipe, Maria Lúcia Dal Farra. Ela nos fala do eixo do poema que é psicológico e afetivo, mas também apresenta uma outra ótica – a da passagem da vida enquanto perda de faces, de imagens, enquanto desdobramentos de identidades, característica que remete ao feminino.

Seguindo a fundamentação teórica e a análise do objeto, nos apoiaremos em “Uma análise Psicológica do duplo em Cecília Meireles”, de Amanda Rosa Bittencourt, que expressa a demanda que o homem demonstra ao longo dos anos da necessidade de si conhecer, seja de modo interno ou emocionalmente de reconhecer-se enquanto sujeito e ver-se, ou seja, enxergar-se de modo que a sua própria imagem não traga estranheza ou dificuldades a si mesmo, pois “para o desenvolvimento da personalidade e para entender quem somos, precisamos averiguar a identidade que criamos” (BITTENCOURT, 2010, p. 257)

Cecília Meireles apresenta no poema *Retrato* a questão da indivisibilidade do ser, remetendo à percepção do rosto feminino modificado pelo tempo, mostrando frente ao espelho, as marcas de um corpo representadas pelas nuances de uma fase. Através das escritas da autora, percebe-se uma tomada de consciência e a manifestação dos processos inconscientes na determinação dos comportamentos humanos. Esses comportamentos podem ser compreendidos como uma busca pela definição do ser humano enquanto mulher, isso é representado na indagação refletida sobre o espelho, ao qual a autora remete que roubaram sua

face e com isso, perdeu-se a ligação existente entre o eu do passado com o eu do presente. Neste momento analisamos a dinâmica dos desejos inconscientes que pressionam para ter acesso à consciência e apresentamos a segunda concepção freudiana do aparelho psíquico, substituindo a oposição inconsciente/consciente pela distinção de três instâncias psíquicas: o id, o ego e o superego.

Seguindo os conceitos de Zambom (2017), Freud concebe o id como polo pulsional da personalidade, o ego como representante dos interesses da totalidade da pessoa e o superego como instância que julga e critica constituída pela interiorização das exigências e das interdições parentais. Sendo assim, é aí que o escritor dando vazão aos seus devaneios, expressa as fantasias secretas do leitor numa mistura de presente e passado, repleta de significados e de estímulos internos e externos.

Neste sentido, Freud fala da importância da imaginação na produção literária. A *Ars poética*, que segundo Freud, consiste na capacidade do poeta de seduzir seus leitores ou ouvintes como “prazer preliminar” da forma estética com a promessa de prazeres ainda maiores a seguir, quais sejam a possibilidade de verem seus próprios devaneios “sem qualquer auto-recriminação ou vergonha” (ZAMBOM, 2017, p. 160).

Em *Retrato*, o imaginário próprio da obra literária, tem seu momento de verdade na expressão dos conflitos humanos, descritos pela passagem em que o eu-lírico depara-se com sua imagem refletida no espelho. Assim, encontra-se o mecanismo de defesa descrito na psicanálise como tentativas do ego de solucionar certos conflitos neutralizando qualquer manifestação passível de colocar em perigo a integridade do ego. Sobre a Formação reativa ou reversão, Santos (2020, p. 11) descreve que é um mecanismo de defesa com o qual, algumas pessoas se protegem do sofrimento psíquico, manipulando uma percepção interna. Esta formação reativa se expressa na análise que o eu-lírico faz “eu não tinha esse rosto, eu não tinha esses olhos, eu não tinha essas mãos...”

Fazendo uma analogia da construção literária com os sonhos, já que os sonhos são objetos importantes para o estudo da psicanálise, estes são considerados mensagens do inconsciente, estando ligados à expressão de desejos inconscientes incompatíveis com os valores estéticos e morais aceitos pelo sujeito, por isso os sonhos tornam-se irreconhecíveis para a consciência. É como se existisse uma censura do sonho, que o recalca, esta censura seria oriunda das tendências morais. Segundo os estudos de Freud (1987) os sonhos são mecanismos de acesso ao conhecimento do inconsciente na vida mental dos sujeitos, assim, considera uma manifestação disfarçada de um desejo reprimido sendo que os desejos seriam os instigadores de todos os sonhos. Igualmente no imaginário da obra de arte que exprime de

forma indireta conflitos entre desejos (dos mais variados tipos) e obstáculos, exteriores e interiores ao sujeito, que se opõem à sua realização.

Portanto, a qualidade artística da obra de Cecília Meireles em *Retrato*, na sua linguagem provoca a emoção estética ao falar da “mudança tão simples, tão certa, tão fácil” e propõe uma reflexão sobre a aceitação das normas institucionalizadas do envelhecimento, do qual não temos controle ou escolha, apenas a certeza de que acontecerá, faz menção ao conflito do sofrimento que é inerente ao ponto de partida da criação de algo humano com seu valor específico – a obra de arte.

Para finalizar, o eu-lírico feminino mostra a consciência de uma falta ou perda de um corpo pleno a qual o *Retrato* revela, mostrando uma unidade forte entre corpo e alma, mas uma unidade que o eu não aceita como sua: o rosto magro, os olhos vazios, as mãos sem força. Então, se é verdade que a identidade feminina se faz pela falta ou pelo medo dela (esvaziamento), a percepção do efeito do tempo pelo corpo da mulher provocaria um estado permanente de estranheza e tristeza como bem nos apresenta o eu lírico neste poema (ZAMBOM, 2017, p. 975).

2.1 Análise do poema *Retrato*

Retrato, o poema escrito por Cecília Meireles representa uma forma de registro destinada a mostrar o que se passa ao longo dos anos quando o sujeito se encontra consigo por trás de um espelho ou de um retrato, em que reforça questões que envolvem a beleza e que perpassa a juventude ao envelhecimento. Podemos caracterizar essa fase entre a descoberta de um corpo que não corresponde a anos anteriores como se estivesse de frente a um espelho, no qual esse objeto faz referência ao momento presente. Assim, consideramos que no momento em que se olha para o espelho o “outro” se encontra consigo novamente, essa relação simbólica que envolve o passado com o presente apresenta ao sujeito a sua atual condição. Assim, considerando que quando o sujeito se depara com um espelho ou mesmo com um retrato torna-se necessário uma reflexão sobre sua atual versão e o que isso causa de estranhamento. Podemos pensar, em questões que envolvem dois mundos bastante problemáticos o seu interior e o seu exterior. Ao analisar o poema percebemos que Cecília Meireles faz uso da primeira pessoa e que as descrições apresentadas referem-se às suas fisionomias, um rosto que ela não reconhece e sua proposta perpassa uma transição de vida, de uma juventude que não é mais reconhecida de modo que pode ser observada fisicamente e psicologicamente. Nota-se também uma tristeza na escrita do segundo verso, pois a repetição

dos adjetivos “assimcalmo, assim triste” (MEIRELES, 1939, p.21). Fazendo referência a uma alteração nos seus pensamentos. Como também são percebidos umas mudanças nas questões físicas, “assim magro” (MEIRELES, 1939, p.21).

No terceiro verso, Cecília Meireles reforça a presença das questões físicas quando ela descreve “olhostão vazios”, “lábio amargo” (MEIRELES, 1939, p.21). Pois, provavelmente estaria ligado às questões angustiantes que talvez a autora possa ter sofrido ao longo da vida.

Percebemos nessa parte do poema, o quanto ela representa uma mudança que ao longo dos anos foi acontecendo de maneira sutil, porém sua percepção não deixou escapar. Um tempo que trouxe marcas visíveis aos seus olhos e também à alma. Contemplado por um belo que já não existe mais, para uma fisionomia quase que irreconhecível, um sujeito que já não se reconhece em meios às dificuldades e marcas que a vida te deixou.

Na segunda estrofe constatamos as mudanças percebidas pela autora quando ela faz referência as suas mãos. A autora faz uma pequena simbologia em relação essa parte do corpo, pois no texto enfatiza que “eu não tinha essas mãos sem força / tão paradas e frias e mortas” (MEIRELES, 1939, p. 21). As mãos trazem um conceito oculto de coragem, de eficácia, porém quando a autora faz essa comparação ela manifesta um desejo contrário, como se essas mãos já não tivessem a mesma serventia de antes, quando ainda eram jovens. Percebe-se que a questão do envelhecer e como esse envelhecer chegou para a autora de maneira dolorosa e que essas modificações foram ocorridas de maneira interior e vividas exteriormente, as mudanças ocorrem de ambas as partes de modo que a autora perdeu a sua identidade, não se reconhecendo, sentindo essas dificuldades fisicamente e psicologicamente.

No terceiro verso da segunda estrofe confirma esse não reconhecimento, ela apresenta na sua escrita “eu não tinha esse coração / que nem se mostra”, (MEIRELES, 1939, p. 21). Correspondendo com isso, sentimentos obscuros que ela nem reconhece mais. Ainda na mesma estrofe percebemos um tom melancólico da autora, porém agora aparece algo diferente a “esperança”, pois ela afirma que “não dei por essa mudança / tão simples, tão certa, tão fácil” (MEIRELES, 1939, p. 21). Uma afirmação do tempo que se passou, das marcas que ficaram e que ocorrem de maneira tão simples.

No entanto, Cecília Meireles retoma no último verso “em que espelho ficou perdida / a minha face?” (MEIRELES, 1939, p. 21). A autora verdadeiramente não se reconhece, mesmo sabendo das etapas vivenciadas das modificações advindas e das novas conjunturas que a vida deixou, ainda assim é difícil se identificar e entender quem verdadeiramente era ela, pois ela finaliza o poema com a pergunta que tanto te angustia onde está a sua face? (MEIRELES, 1939, p.21).

O poema *Retrato* descrito pela autora há tantos anos, descreve os sentimentos de uma pessoa que não se reconhece mais devido a passagem de um tempo e as marcas de uma vida, um poema que traz características particulares de Cecília Meireles, mulher que esteve frente à seu tempo, com escritas que podem ser sentidas e percebidas até os dias atuais. Questões e sentimentos conscientes e inconscientes que perpassaram dúvidas sobre si mesmo, nesse contexto sobre a luz da Psicanálise será avaliado e analisado essas observações que a autora descreve no poema, como esse estranhamento de um corpo que não responde e não se reconhece afeta diretamente e psicologicamente o próprio sujeito.

2.2 A Psicanálise e os sujeitos frente às questões do envelhecimento;

O que pensar sobre o envelhecer num mundo tão competitivo, tão visual e tão acelerado em que vivemos? O que faz o poema *Retrato* de Cecília Meireles escrito em 1939, ser tão contemporâneo e ser uma parte tão verdadeira do século XXI? O que o envelhecer tem de tão assustador que a autora transmitiu com tanta estranheza na sua escrita? Será que ao longo dos anos fomos preparados apenas para o belo e que o envelhecer não se encaixaria no processo de beleza? Na verdade o que será que podemos considerar como belo? Vivenciamos constantemente o nosso envelhecer que se faz a todo momento, dia após dia, no entanto, quando percebemos ele diante do espelho, fora dos padrões sociais implantados pelo consumismo, achamos que verdadeiramente somos diferentes?

Com relação ao processo de envelhecimento devemos considerá-lo como uma etapa do desenvolvimento humano. Assim, como as variadas etapas vivenciadas ao longo de nossa trajetória como a infância, adolescência e a fase adulta, o envelhecimento é sempre reconhecido pelo outro, por uma sociedade e principalmente pelo espelho que mostra as marcas que o próprio tempo produz. Assim, é na fase do envelhecimento que ocorre modificações biológicas, psicológicas e sociais que mais se evidenciam durante a velhice, sendo uma etapa de vida que provoca sentimentos diversificados e significados culturais que teram como referência o contexto social em que os sujeitos estão inseridos (ABRAHÃO, 2008). Assim, o termo envelhecimento estaria relacionado às questões biológicas, como se comprova o autor:

Envelhecimento é um termo emprestado da biologia. Caracteriza o processo de desgaste da energia vital ao longo do tempo, em consequência da passagem do tempo. Pode ser entendido também como o processo cronológico pelo qual um indivíduo se torna mais velho. Esta tradicional definição tem sido questionada por sua simplicidade (ABRAHÃO, 2008, p. 59).

Sobre o processo de envelhecer é importante destacar que ao longo dos anos diversos estudiosos tem enfatizado que o envelhecimento populacional tem atingido grande parte do mundo e que esse registro constitui uma das maiores conquistas do presente século. Desde a década de 1960, a população idosa vem aumentando significativamente, assim, com os avanços da medicina juntamente com a tecnologia condições favoráveis se ampliaram contribuindo na expectativa de vida dos idosos, além desse fator, houve também “a redução da fertilidade dos tempos modernos, concorrendo para que ocorresse uma verdadeira transição demográfica” (ALTMAN, 2011, p. 193).

Com isso, chegar a uma idade avançada, já não é mais privilégio de poucas pessoas, no entanto, conforme estudos de Capitanini (2000), na nossa atual sociedade o idoso tem um tipo de vida voltado para a solidão, apatia e imensa insatisfação. Considerando assim, uma maior prevalência em cidades grandes, onde ocorre com maior intensidade os sentimentos voltados para o isolamento social e emocional. Esse fato pode ser observado em decorrência do pouco contato com pessoas vizinhas ou a comunidade em geral, permanecendo relações interpessoais limitadas devido ao mundo agitado e competitivo que vivemos constantemente ou até mesmo as relações ausentes.

Já a velhice carrega aspectos relacionados as representações sociais, que irá demonstrar a maneira com que as pessoas vivem, se relacionam e também como são vistas pelo outro em termos subjetivos, sociais, afetivos e físicos.

Na nossa sociedade existem muitas crenças atribuídas ao processo de envelhecimento, transferindo para o idoso uma ineficiência que perpassa desde coisas simples do seu dia a dia, até a possibilidade laboral e uma falta de autonomia funcional. Na realidade essas crenças e valores sociais acabam sendo atribuídas como forma de representações que segundo Moscovici (1981) remete a

[...] um conjunto de conceitos, afirmações e explicações originadas no cotidiano, no curso de comunicações interindividuais. Elas são equivalentes, em nossa sociedade, aos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais; elas podem até mesmo ser vistas como uma versão contemporânea do senso comum" (MOSCOVICI, 1981, p.181).

Sobre os conceitos atribuídos a velhice é importante considerar que é difícil atribuir um significado aos sujeitos no processo de envelhecimento, pois esse processo constitui também a maneira peculiar como cada idoso se vê e se percebe. Na maioria das vezes considerando como é visto e percebido pelos outros ao seu redor. Com isso, é nessas inter-relações de olhares que vai se constituído particularmente por cada um o conceito de velhice.

Assim, “não existe a velhice, mas velhices. Muitas vezes, a conotação sociocultural sobre envelhecimento contém preconceitos, a medida que é representada como um momento de decrepitude física, feiura e inutilidade” (GOLDFARB, 1997 *apud* ALTMAN, 2011, p. 194). Desse modo será no confronto ao qual se dá esses valores que irá determinar que o momento de vida desses sujeitos se tornem, ou não, mais conflitante ou dificultoso. No entanto, como é algo individual e vivenciado por cada um de maneira diferente é importante considerar que o idoso, a depender de sua complexidade psíquica, corre o risco de se identificar com essas representações e com os vários estereótipos existentes, o que dificulta que ele possa ser ele mesmo (ALTMAN, 2011, p. 194).

Diante das questões abordadas sobre o processo de envelhecimento e velhice, a psicanálise pode nos levar a entender e compreender melhor essa fase vivenciada por diferentes e inúmeros sujeitos. A intenção da área psicanalítica é buscar compreender o processo de envelhecimento, refletindo sobre o sofrimento não apenas como algo intrapsíquico, mas considerando a pessoa como situada em um determinado mundo com suas ideologias, valores, crenças e ordens (DOURADO; LEIBING, 2002).

Assim, é importante destacar que apesar da velhice ser considerada por muito tempo um período que não se produz, nos estudos de Freud verificou que “foram justamente nos anos mais maduros de sua existência que ele mais e melhor produziu. Apesar das perdas e dos lutos significativos que sofreu em sua vida pessoal, nada o impediu de elaborar na velhice textos ricos e criativos” (ALTMAN, 2011, p. 196). Esse fato demonstra que a mente humana estando saudável torna-se dinâmica e produtiva.

Na relação entre psicanálise e envelhecimento apresentamos que

[...] nos casos de envelhecimento, esse desinvestimento libidinal é algo recorrente e pode ser explicado pela mesma lógica do narcisismo. Uma vez que a libido agora se encontra escassa e o sujeito necessita de um mínimo de investimento narcísico para sobreviver, ele retira parte, ou toda libido do mundo externo nos casos mais graves, e passa a se interessar cada vez mais por suas memórias, suas fantasias e suas próprias dores, que usualmente são várias e frequentes (VILHENA *et al.*, 2014, p. 254).

Segundo as autoras, nessa fase existem também certo “retraimento de interesses, certo egoísmo e a despreocupação com os fenômenos ao seu redor são confirmações desse remanejamento libidinal para o próprio eu” (VILHENA *et al.*, 2014, p. 254). Ainda as autoras confirmam que essas características são pertencentes em todas as pessoas que estão no processo de envelhecimento.

No entanto, há também fases de imensa complexidade durante o processo de

envelhecer, além de uma sociedade não preparada emocionalmente e fisicamente para receber essas pessoas, existem os inúmeros julgamentos em diferentes áreas envolvendo a conjuntura dos sujeitos idosos, seja nas áreas sociais, subjetivas ou coletivas.

Se a chamada morte social já se anuncia, outros anúncios tão ou mais evidentes sensibilizam o velho nessa nova fase da vida. Quando uma mulher idosa se olha no espelho, o que este lhe devolve é uma imagem ligada a uma deterioração, uma imagem com a qual ela não se identifica. Existe uma discrepância entre a imagem inconsciente do corpo e a imagem refletida, posto que se trata de um sujeito psíquico em constante crescimento e evolução, altamente afetado pela representação de um corpo que se deteriora e pela consciência da finitude (GOLDFARB, 1998 *apud* VILHENA *et al.*, 2014, p. 255).

Assim como no poema *Retrato* de Cecília Meireles, reconhecer a imagem envelhecida é pertencer a uma estranheza de um corpo que é lugar “privilegiado de desilusão narcísica , prometido a decadência e a morte e palco do adoecer, empurrando o sujeito a enfrentar o desafio de manter a aposta na vida” (VILHENA *et al.*, 2014, p. 255).

Apesar de a velhice ser contemplada socialmente com inúmeras dificuldades e desafios, as quais os sujeitos precisam encontrar alternativas para romper com as barreiras encontradas durante seu percurso de vida, é preciso salientar que o processo de envelhecimento se dá de maneira diferenciada e que cada pessoa pode apresentar inúmeras possibilidades no resultado final, “dependendo dos caminhos escolhidos e dos determinantes desse envelhecimento” (GUERRA; CALDAS, 2010, p. 2938).

Os caminhos do envelhecimento são determinantes a partir dos processos de vida vivenciados por cada sujeito. A velhice chega de forma diferente, com um ar diferente para cada um e o que irá determinar esse processo será a maneira que cada um conduziu ao longo da vida o próprio percurso de envelhecer. Apesar de uma sociedade que prega uma cultura do belo e do novo, a saúde psíquica de cada um pode determinar o seu entendimento sobre o belo e o novo dependendo do período de vida que estiver. Assim, pode ser que o belo e o novo contemplado na fase da velhice tenha uma nova colocação para o sujeito que ao longo da caminhada foi se preparando para chegar nesse lugar temido e indesejado. E se houve uma preparação para estar nessa situação não há motivos de estranhezas ou dificuldades. O ser humano se inova e se reinventa a cada momento e no envelhecimento não poderia ser diferente, por isso, a possibilidade de um novo olhar sobre o poema *Retrato*, apesar das inúmeras dificuldades encontradas no processo, podemos pensar num novo caminho para percorrer as trajetórias da vida vivenciada por cada pessoa que tem, teve ou terá o privilégio de percorrer essa estrada.

2.3 Um novo retrato para o poema *Retrato*

Nesse momento pretendemos trazer uma nova e ampliada visão com relação ao envelhecimento, apesar do poema de Cecília Meireles, *Retrato*, contemplar uma visão obscura e de difícil compreensão em relação ao processo de envelhecer, pretende-se nesse momento trazer uma nova e diferenciada imagem do retrato representado pela autora. Numa reflexão sobre o corpo e o rosto que não são mais reconhecidos frente aos espelhos da vida devemos considerar que

[...] uma vez que os corpos a nós apresentados são aqueles sem forma, caídos, enrugados e flácidos, não nos esqueçamos, também, do quanto somos nosso corpo e do quanto nossos processos psíquicos encontram-se atrelados às intercorrências a que este corpo está submetido, pois o inconsciente é uma memória cujas lembranças não se atualizam na consciência, mas nos nossos atos, nossos sonhos ou nosso corpo, sem que o saibamos (DOURADO; LEIBING, 2002, p. 04).

Com isso, o corpo na velhice causa estranheza, devido ao fato que socialmente rejeitamos e isolamos uma percepção do belo relacionado ao processo de envelhecer. Dessa maneira, o contato que o idoso tem com o seu próprio corpo é algo medroso, cheio de receios e vergonha, porque este corpo passa a denunciar uma condição de moralidade, realizando perguntas a si com estranheza e complexidade “quem é este outro parecido comigo, mais velho que um ideal conservado na lembrança?” (DOURADO; LEIBING, 2020, p. 04). Vamos relembrar as palavras de Freud ao descrever seu processo de estranheza, na velhice, com relação a sua própria imagem:

Estava eu sentado sozinho no meu compartimento no carro-leito, quando um solavanco do trem, mais violento do que o habitual, fez girar a porta do toailete anexo, e um senhor de idade de roupão e boné de viagem, entrou. Presumi que ao deixar o toailete, que ficava entre os dois compartimentos, houvesse tomado a direção errada e entrado no meu compartimento por engano. Levantando-me com a intenção de fazer-lhe ver o equívoco, compreendi imediatamente, para espanto meu, que o intruso não era senão o meu próprio reflexo no espelho da porta aberta. Recordo-me ainda que antipatizei totalmente com a sua aparência (FREUD, 1919, p.309)

Apesar de Cecília Meireles demonstrar uma adversidade com relação a sua imagem na década de 30, um dos maiores nomes da psicanálise em 1919, relatava essa mesma estranheza com relação ao seu processo de envelhecimento, considerando que a velhice pode estar relacionada no outro, ao qual não conseguimos nos reconhecer.

Entretanto, a velhice aparece apenas como um “pano de fundo ou um cenário para

uma peça que se desenvolve ao longo da vida. Incredulamente, em alguns momentos é difícil escapar da percepção de que o velho que seremos já nos habita desde sempre” (DOURADO; LEIBING, 2020, p. 04). Considerando os apontamentos das autoras o momento atual no qual vivemos não irá diferenciar o velho que seremos futuramente, por esse motivo que o envelhecimento se faz numa construção que se elabora durante todos os percursos de nossas vidas.

Na visão da psicanálise devemos pensar a velhice dentro de uma concepção que contemple verdadeiramente os sujeitos que estão inseridos no processo de envelhecer, sendo assim:

Para a psicanálise, o velho não deve ser pensado apenas como produto da responsabilidade individual ou da deformação decorrente do desgaste do corpo, já que precisam ser consideradas as implicações que os fatores físicos, sociais, culturais e psicológicos engendram. A associação destes fatores nos confronta com os diversos mitos sob os quais o velho se apresenta na clínica: a velhice como o estranho, a velhice como doença, a velhice das manias e enrijecimento, a velhice sábia e boa, a velhice liberta das paixões da alma e das exigências da carne, a velhice como sinônimo da morte (DOURADO; LEIBING, 2002, p. 06).

Devemos com isso, abandonar essas concepções de velhice conforme descreve Dourado; Leibing (2002), pois o envelhecer deve ser percebido como uma parte natural no processo de desenvolvimento humano e que faz parte da aventura humana buscar por novas possibilidades desvendando novos caminhos em busca de novas realizações. Na medida que isso se apresenta de modo enriquecedor na vida dos idosos passa a desestruturar muitas resistências causadas pelos mitos associados a velhice, oportunizando assim, na elaboração de antigas pendências, lutos e ressignificações relacionados a forma de ser e estar neste mundo.

Assim, conforme nos descreve Uchôa (2003) *apud* Schneider e Irigaray (2008), o modo como cada idoso vive sua vida e a maneira como a sociedade trata esses idosos são dados muito mais relevantes e significantes do que a quantidade de anos que esses idosos apresentam.

Não existe um consenso sobre o que se nomeia velhice porque as divisões cronológicas da vida do ser humano não são absolutas e não correspondem sempre às etapas do processo de envelhecimento natural. A velhice não é definida por simples cronologia, mas pelas condições físicas, funcionais, mentais e de saúde das pessoas, o que equivale a afirmar que podem ser observadas diferentes idades biológicas e subjetivas em indivíduos com a mesma idade cronológica (SAN MARTÍN; PASTOR, 1996 *apud* SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008).

Para Santos (2015), o envelhecimento ocorre de maneira diferente entre homens e

mulheres e que contempla também a história de vida vivenciada por cada pessoa, sendo que cada um tem uma visão de mundo e traz experiências de vidas totalmente singulares. Assim, “a condição de gênero enseja experiências, papéis e representações distintas, o que pode influenciar, também de modo diferencial, o modo de o[a] idoso[a] perceber e vivenciar sua velhice e sua corporalidade” (FERNANDES; GARCIA, 2010 *apud* SANTOS, 2015, p. 42).

Sobre as possibilidades de envelhecer bem, Goldenberg (2011) apresenta que a forma positiva de envelhecer é libertar-se dos padrões impostos e estabelecidos por uma sociedade que não compreende os processos e as nuances do envelhecimento e principalmente não ser controlado por normas ou padrões sociais. O autor demonstra que “são estes indivíduos que se reinventam permanentemente, que podem nos ensinar sobre a bela velhice” (GOLDENBERG, 2011, p. 83).

Por isso, deve-se considerar que o processo de envelhecer acontece de maneiras diferentes e cada pessoa o realiza em seu tempo, o que envolve mudanças e diversas transformações ao longo da vida, como perdas e também troca de papéis sociais (MINAYO; COIMBRA JR., 2002). O envelhecer não pode ser encarado e percebido como um processo homogêneo envolvendo a todos de uma mesma maneira, assim é preciso refletir que cada pessoa pode experimentar essa etapa de vida de modos distintos, considerando sempre a sua história subjetiva de vida e todos os aspectos estruturais e funcionais relacionados (ALMEIDA, 2017).

Com isso, apesar do poema de Cecília Meireles contemplar um rosto que ainda se apresentava desconhecido aos seus olhos, porém aparentemente familiar, o conceito de envelhecer deve ser melhor estruturado, estudado e analisado por uma sociedade que ainda não percebe esse processo como algo natural em que todos teremos a possibilidade de vivenciar. Assim, lembrando as escrituras da autora na primeira estrofe encontramos os seguintes dizeres:

“Eu não tinha este rosto de hoje,
Assim calmo, assim triste, assim magro,
Nem estes olhos tão vazios,
Nem o lábio amargo” (MEIRELES, 1939, p.21).

Considerando que o processo de envelhecer também é parte de uma jornada de vida, quais são os motivos que a autora se vê tão amarga, triste e vazia? Podemos pensar que o rosto de hoje no qual a autora descreve tem parte da sua história de vida, do seu presente representando um futuro incerto? O que se perdeu ou se deixou para trás? Quais são os motivos de chegar numa etapa de vida de maneira tão sofrida?

Para as interrogações levantadas apontando as escrituras da autora logo na sua primeira estrofe devemos considerar que viver e experimentar as etapas da velhice de maneira prazerosa, tranquila e positiva resulta em indivíduos que se sentem felizes mesmo estando na terceira idade, apresentando bons relacionamentos familiares e sociais gerando emoções prazerosas no percorrer da vida. Porém, aqueles que vivenciam essa etapa de maneira negativa tendem apresentar emoções tristes, descontentamentos e aflições (BEE; MICHELL, 1984 *apud* OLIVEIRA; GOMES; OLIVEIRA, 2006). Com isso, ao analisarmos a velhice como um processo do ciclo vital de todo ser humano e que essa etapa precisa estar presente ao longo de toda a vida, pois envelhecemos desde a fecundação ainda dentro da barriga de nossas mães, ainda assim, muitos chegam nesse momento de vida como Cecília Meireles, ou seja, sem reconhecer seus próprios rostos.

Com isso, infelizmente segundo alguns autores essa dificuldade pode estar relacionada a um transtorno considerado como o “mau do século” chamado de depressão. Para Gazalle, Hallal e Lima (2004) a depressão normalmente pode ser considerada como uma enfermidade em decorrência do processo natural de envelhecer. Para Leite *et. al* (2006) as principais características relacionados a depressão na velhice são: o avançar da idade, geralmente as pessoas do sexo feminino, as dificuldades no estado funcional, as doenças crônicas e os prejuízos cognitivos e sociais.

Podemos considerar que talvez tenha uma hipótese de um percurso depressivo nas expressões e escritas de Cecília Meireles? Para isso Goldfarb *et. al* (2009, p. 56) sobre o processo depressivo na vertente do envelhecimento expõe que

Na clínica vemos que há diferentes graus ou modalidades de se dizer a mesma coisa, e aí estamos diante da questão das intensidades que Freud trabalhou tão bem. Sustento a existência de um fundo depressivo no envelhecimento que tem a ver com a realidade, mas que pode não se constituir em depressão entendida como patologia, se os diversos fatores em jogo não comparecerem com suficiente força e quantidade para constituir este quadro.

Seguindo os pensamentos de Goldfarb *et. al* (2009) existem inúmeras possibilidades para se dizer de uma tristeza profunda, solitária, atormentadora, irreconhecível e depressiva, cada uma pode expressar os sentimentos vivenciados por sujeito diferentes, pode ser que a depressão para alguns idosos não venha como uma patologia ligada a melancolia ou ao desejo imensurável pela morte, porém, ela pode aparecer nas perdas ao longo da história singular de cada um ou no espelho que apenas reflete o estranho nunca reconhecido. Assim, o autor descreve que

O sujeito que atravessa um episódio depressivo tem uma imagem desvalorizada de si, que está relacionada a sua imagem ideal de si mesmo. Alguns pacientes se queixam da imagem irreconhecível, de velhos decrépitos que lhes é a pontada pelo espelho causando-lhes certa estranheza (GOLDFARB *et. al.*, 2009, p. 66).

No entanto, como encontrar a própria face perdida no espelho que somente encontra o irreconhecível? Como reconhecer-se apesar das escrituras de Cecílias Meireles contemplar apenas o estranhamento, a amargura e o vazio?

Goldfarb *et al* (2009, p. 64) apresenta que

A sabedoria ou a velhice saudável não é necessariamente o envelhecimento ativo, tão defendido pelos especialistas da geriatria e da gerontologia, ou o acúmulo de experiências, mas sim a possibilidade de ser flexível diante das questões e mudanças impostas pela vida. Ou como diria Canguilhem sobre a saúde: é conseguir se adaptar (ter plasticidade) diante das novas situações impostas.

Para Beauvoir (1990) uma bela velhice estaria ligada na construção de projetos singulares que torne cada pessoa autônoma, capaz de decidir sobre os seus comportamentos, não se comprometendo com determinadas regras impostas socialmente, mas seguindo suas próprias vontades.

Segundo, Erik Erikson¹, que desenvolveu as “Oito idades dos seres humanos” do nascimento até a velhice, o psicanalista aponta uma crise característica para cada uma das etapas vivenciadas pelos sujeitos. Para o autor na velhice ocorre “um conflito do ego entre a integridade e o desespero, cujo valor emergente seria a sabedoria. A velhice, envolve auto-aceitação, desenvolvimento de integridade da história pessoal e formação de ponto de vista sobre a morte” (BLESSMANN, 2003, p. 45).

Seguindo as propostas desenvolvidas por Erikson (1950/1998) sua teoria nos fornece entendimento e compreensão sobre o envelhecimento, pois é necessário trabalhar com o idoso de modo que a integridade do eu, seja valorizada. O envelhecimento deve ser representado de modo que as pessoas precisam viver a vida concetando-se com o passado, presente e o futuro, construindo novos projetos e proporcionando novas possibilidades. Para isso, Moreira (2012, p. 453) descreve que “o sujeito precisa enfrentar o maior desafio: manter a integridade do eu,

¹ Erik Homburger Erikson: nasceu em Frankfurt na Alemanha, em 1902 e faleceu em 1994. Inicialmente optou pela carreira artística e após ser convidado a trabalhar em uma escola para pacientes submetidos à psicanálise, começou a ter contato com o grupo de Anna Freud (psicanalista). Após se casar em 1933 com uma canadense, mudou-se para os Estados Unidos, continuando seus estudos na linha Psicanalítica, tornando-se assim, um dos primeiros psicanalista infantil americano (RABELLO; PASSOS, 2008).

avaliar a vida como uma realização, mantendo a generatividade, mas orientada à cultura, e podendo considerar seu percurso com sabedoria”. Sobre o processo de envelhecer e as questões envolvendo o corpo consideramos que

Apesar de a cultura pós-moderna valorizar o corpo jovem, esbelto e belo, e de o envelhecimento ser algo do campo do outro, do estranho, não podemos negar o espaço familiar do envelhecimento em nosso próprio corpo, pois o tempo se expressa através do corpo, oferecendo-nos uma possibilidade de significação histórica. Corpo e tempo se entrecruzam no devir da existência. Assim, corpo, tempo e envelhecimento se enlaçam no desenrolar histórico da existência, oferecendo substrato para nossa vida. É possível uma conexão com a velhice produtiva tanto no campo das pesquisas científicas como no campo das vivências cotidianas (MOREIRA, 2012, p. 455).

Se Cecília Meireles pudesse ler nossas novas escrituras sobre seu poema *Retrato* apresentaria a ela uma outra versão, cheia de significados, reflexões, novas e inúmeras possibilidades, diante de um tempo que se foi a partir da construção de um novo momento que se apresenta. Com uma roupagem diferente, porém cheia de beleza, de conhecimento e de novas experiências. Apesar de trazer na sua segunda estrofe:

“Eu não tinha estas mãos sem força,
Tão paradas e frias e mortas;
Eu não tinha este coração
Que nem se mostra” (MEIRELES, 1939, p.21).

Apresentaríamos a você, nossa querida Cecília Meireles, que o envelhecimento verdadeiramente implica “reconhecer o que há de importante e específico nessa etapa de vida para que seja desfrutado, mas também deve compreender os sofrimentos, as doenças e as limitações que lhe são inerentes” (BLESSMANN, 2003, p. 65).

Cecília Meireles apresenta uma velhice dolorosa, no entanto, o envelhecimento pode ser vivido e contemplado de outras maneiras, pintado com cores vibrantes ou suaves a gosto do freguês, porém, pode ser vivenciado de maneira única e inexplicável. Todas as etapas da vida trazem consigo belezas de um tempo vivido, cabendo a cada um decidir qual experiência decide enfrentar.

Segundo Freud (1930) em suas escrituras “O Mal – Estar na Civilização” existe três fontes de sofrimento para o ser humano, entre elas encontramos: o corpo que está sentenciado ao declínio, ameaças vindas do mundo exterior e a relação com as outras pessoas. Sobre as ameaças do mundo exterior, o corpo e a relação com outras pessoas são percebidas de uma forma mais contundente no processo de envelhecer, pois destaca a posição do sujeito com relação ao desamparo. Já a relação com o declínio envolve a fragilidade que tem muito haver

com as questões da idade avançada que representa o medo da dependência ao final da vida. A falta de vínculos afetivos podem causar diversos sentimentos entre eles: o desamparo que pode ser representado pela solidão e a falta dos vínculos familiares e pessoais. Diante disso, “o homem é confrontado à precariedade de sua existência e, perante essa insegurança e a falta de sustentação proveniente do outro, o idoso poderá sucumbir a um sério episódio depressivo” (GOLDFARB *et. al.*, 2009, p. 68).

Por esses motivos encontramos no discurso de Cecília Meireles uma falta de forças, um frio que perpassa as mãos chegando até o coração. No entanto, apesar de compreender essa falta de afeto reproduzida pela autora podemos considerar um novo olhar para esse momento, pois é preciso aceitar o envelhecimento como uma etapa de vida que implica um novo reposicionamento de valores, ou seja, um voltar-se para dentro de si. Aceitando e compreendendo suas próprias fragilidades e jamais se esquecendo de quem verdadeiramente está do outro lado do espelho.

Por fim, na última estrofe Cecília Meireles elabora o seguinte pensamento:

Eu não dei por esta mudança,
Tão simples, tão certa, tão fácil:
— Em que espelho ficou perdida
a minha face? (MEIRELES, 1939, p. 21).

Assim, diante das escrituras da autora é significativo pensar que o reconhecimento no processo de envelhecimento implica na percepção das transformações que ocorrem tanto no corpo como na alma. Reconhecer as transformações advindas do tempo no corpo, significa “incluir-lo no registro da diferença recolocando-o num lugar de valor, atribuindo-lhe um outro sentido” (BLESSMANN, 2003, p. 152).

O envelhecer deve ser compreendido não por um tempo que se passou e que não foi possível prever as mudanças advindas, o envelhecer é muito mais que a cronologia do tempo ou as badaladas de um relógio antigo. O envelhecimento é talvez a necessidade que cada sujeito precisa “[...] para descobrir pacientemente, dia após dia, do começo ao fim de nossas vidas, como expressar, na cronologia do cotidiano, o amor que intuímos num segundo da eternidade” (QUINODOZ, 2011, p. 107). Por isso se faz necessário reconhecer-se mesmo que esteja perdido diante de um espelho, voltar-se para si é o começo para novas reflexões com possibilidades de novas etapas de vida e no balanço das perdas e ganhos do envelhecimento reencontramos inúmeros motivos para a escrita de uma história que contemplará novos versos, novas estrofes, novos poemas e até mesmo novos *Retratos*.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerar a etapa final do trabalho é verdadeiramente voltar até o espelho e buscar enxergar a nossa versão restituída de um novo significado. Na busca em contemplar a literatura como protagonista do nosso estudo e como fonte primária o poema *Retrato* escrito por Cecília Meireles abordado através dos conceitos teóricos da psicanálise, consideramos que o tema envelhecimento ainda é abordado e vivenciado nas molduras antigas do poema de 1939. Muitas nuances e dificuldades são vivenciadas pelos sujeitos que chegam a fase da velhice, no entanto, nosso papel não é ficar na lamúria pelo que se observa, a nossa tentativa é oferecer um pensamento reflexivo e crítico diante do que se teve, do que se viveu ou que ainda continua sendo presente na vida dessas pessoas.

O desenrolar da pesquisa nos levou as dificuldades descritas teoricamente, algo comum quando estamos falando da disseminação de um pensamento, pois divergência ocorrem e ao longo dos anos são aperfeiçoadas, como podemos ver a psicanálise foi palco de discussões que antes não considerava interessante investigar e analisar idosos no ambiente analítico. Ao longo dos anos com pesquisas que embassavam a temática foi se mudando essa visão. Assim, percebemos atualmente respostas positivas, críticas e esclarecedoras da psicanálise embasados em seus pressupostos iniciais, como os estudos do renomado pai da psicanálise Sigmund Freud. As contribuições de Freud foram essenciais para entendermos o psique dos sujeitos e com isso contribuir de maneira importante para as intervenções necessárias no campo da psicologia, da gerontologia e além de tudo do bem estar social.

Para isso, apontamos que para além de uma literatura rica em detalhes, profundamente inspiradora que nos instigou a refletir criticamente sobre cada palavra descrita no poema *Retrato* chegamos na conclusão final desse estudo que o envelhecer ainda sendo fonte de dificuldades persistente no século XXI, é também possível de novas e inúmeras possibilidades. O não se reconhecer no espelho pode ser um processo vivenciado, porém não pode ser uma definição de vida, as mão frias, geladas e sem forças pode ser uma condição biológica, porém não pode representar quem as carrega, a face mudada, pode carregar as marcas de um tempo vivido, porém não deve ser a única maneira de expressar as vitórias e conquistas alcançadas ao longo de uma trajetória de vida. As mudanças podem e deve ocorrer cada uma a sua maneira na sutileza e perspicaz de cada pessoa. O importante é entender que cada um tem uma maneira simples e singela de enfrentar as etapas da vida, porém que as escolhas sejam sempre o melhor e mais divertido caminho durante o percurso.

Aprendemos que a literatura tem muito a nós oferecer, voltar ao passado é buscar um

poucos das nossas próprias origens é acreditar que as dificuldades de alguns pode ou continua sendo a dificuldade de outros, e além de tudo é ter a sensibilidade de descrever através de palavras os sentimentos de pertencimento do qual o sujeito se identifica. Para isso, deixamos o nosso muito obrigada, a nossa querida e amada Cecília Meireles que juntamente com outros teóricos nos mostrou uma outra face ou melhor dizendo uma nova versão do nosso próprio retrato. Que esse trabalho sirva de inspiração para novas buscas e novas versões.

4. REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, E. S. O desvelar da velhice: as contribuições da psicanálise na busca de sentidos para a experiência do envelhecer. *Revista da SPAGESP - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo*, v. 9, n. 1, pp. 57-65, 2008.
- ALMEIDA, M. M. B. O envelhecimento e a psicanálise. *Revista Portal de Divulgação*, n.51, Ano VII Jan/ Fev/Mar. 2017.
- ALTMAN, M. *O envelhecimento a luz da Psicanálise*. Jornal de Psicanálise. São Paulo. 2011
- BEAUVOIR, S. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BITTENCOURT, A. R. Uma análise Psicológica do duplo em Cecília Meireles. *Revista Historiador*. Vol.3. Número 3, 2010.
- BLESSMANN, E. J. *Corporeidade e Envelhecimento: o significado do corpo na velhice*. Porto Alegre, 2003
- CAPITANINI, M.E.S. *Solidão na velhice: realidade ou mito?*In: A. L. Neri e S. A. Freire (Orgs). *E por falar em boa velhice*. Campinas. Papyrus. 2020.
- DOURADO, M.; LEIBING, A. *Velhice e suas representações: implicações para uma intervenção psicanalítica*. Rio de Janeiro. 2002.
- ERIKSON, E. H. *O ciclo de vida completo*. Porto Alegre: Artmed. (Original publicado em 1950), 1998.
- FARRA, M. L. D. *Cecília Meireles: imagens femininas*
https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-83332006000200013&script=sci_arttext. Acesso em: 20 out.2020
- FREUD, S. *O Estranho*. Edição Standard Brasileira. Rio de Janeiro: Imago, Vol. XV. 1919.
- FREUD, S. *O Mal – Estar na Civilização, novas conferências introdutórias e outros textos*. Companhia das Letras, v. 18. 1930.
- FREUD, S. *O interesse científico da psicanálise (1913)*. In: FREUD, S. Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, v. 13, p. 195-226. 1974.
- FREUD, S. *A interpretação dos sonhos*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Imago. 1987.
- FREITAS, M. C. *et. al.* O significado da velhice e da experiência de envelhecer para os idosos. *Revista Escola de Enfermagem USP*. São Paulo, 2010.
- GAZALLE, F. K.; HALLAL, P. C.; LIMA, M. S. Depressão na população idosa: os médicos estão investigando? *Revista Brasileira de Psiquiatria*, São Paulo, v. 26, n. 3, set. 2004.
Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151644462004000300003&lang=pt. Acesso em: 09 març. 2021.

GOMES, G. *A Teoria Freudiana da Consciência*. Psicologia: Teoria e Pesquisa. v. 19 n. 2, p. 117-125. 2003

GOLDENBERG, M. Corpo, envelhecimento e felicidade na cultura brasileira. *Revista Contemporânea*, Rio de Janeiro, ed. 18, v. 9, n. 2, p. 77-85, 2011.

GOLDFARB, D. C. *Do tempo da memória ao esquecimento da história: um estudo psicanalítico das demências*. 2004, 224f. São Paulo. Tese (Doutorado em Psicologia). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

GOLDFARB, D. C. *et. al. Depressão e Envelhecimento na contemporaneidade*. São Paulo. 2009

GUERRA, A. C. L. C. CALDAS, C. P. *Dificuldades e recompensas no processo de envelhecimento: a percepção do sujeito idoso*. Ciência e saúde coletiva, 2010.

JORGE, M. A. C. *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan*. v. 1. Ed. Zahar. 5ª Ed. Rio de Janeiro. 2008.

LEITE, V. M. M. *et al.* Depressão e envelhecimento: estudo nos participantes do Programa Universidade Aberta à Terceira Idade. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, Recife, v. 6, n. 1 jan./mar. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S151938292006000100004&lang=pt>. Acesso em: 09 març. 2021.

LIMA, A.M.M. ; SILVA, H.S.; GALHARDONI. *Envelhecimento bem-sucedido: trajetórias de um constructo e novas fronteiras*. Interface - Comunic., Saúde, Educ. v.12, n.27, p. 795-807, out/dez.2008.

MEIRELES, C. *Antologia Poética*. Ed. Nova Fronteira. 3ª Edição Rio de Janeiro. 2001 https://pt.wikipedia.org/wiki/Cec%C3%ADlia_Meireles Acesso em 15/09/2020

MEIRELES, C. *Viagem: poesia - 1929-1937*. Lisboa: Ed. Império, 1939.

MINAYO, M. C. S.; COIMBRA, C. E. A. (Org.) *Antropologia, saúde e envelhecimento*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.

MOREIRA, J. O. *Mudanças na percepção sobre o processo de envelhecimento: reflexões preliminares*. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Pontífica Universidade Católica de São Paulo, v. 28, n.4, 2012

MOSCOVICI, S. Sobre representações sociais. Em J.P. Forgas (Org.), *Social cognition. Perspectivas sobre a compreensão cotidiana* (pp.181-209). Nova York: Academic Press. 1981.

OLIVEIRA, D. A. A. P.; GOMES, L.; OLIVEIRA, R. F. Prevalência de depressão em idosos que frequentam centros de convivência. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 40, n. 4, ago.

2006. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003489102006000500026&lang.

Acesso em: 09 març. 2021.

RABELLO, E.T.; PASSOS, J. S. *Erikson e a teoria psicossocial do desenvolvimento*. 2008.

Disponível em <http://www.josesilveira.com>. Acesso em 23 març.2021

QUINODOZ, D. Envelhecer, uma viagem para descoberta de si mesmo. *Revista Brasileira de Psicanálise*. v. 5, n.3, 2011.

SANTOS, M. V. *Introdução à Teoria Psicanalítica - Freud, Psicanálise e Conceitos*. Ed. José Ernani de Carvalho Pacheco. 2014

SANTOS, G. M. G. *Bem - estar, auto – estima e autoconceito: O que sentem as mulheres que se maquilham?* Dissertação de mestrado em Psicologia Clínica. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2015.

SCHNEIDER, R. H.; IRIGARAY, T. Q. *O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais*. Estudos de Psicologia.(Campinas),

Campinas , v. 25, n. 4, p. 585-593, Dez. 2008 . Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2008000400013&lng=en&nrm=iso. Acesso em 24 fev. 2021.

VILHENA, J.N, Joana V. N., Rosa, C. M. A sombra de um corpo que se anuncia: corpo, imagem e envelhecimento. *Revista Latino americana de Psicopatologia Fundamental*, 2014.

ZAMBOM, C. *Do Retrato ao Epitáfio em Cecília Meireles: A identidade feminina na literatura e na Psicanálise*. E-book Kindle